



**PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

BONIFÁCIO JOSÉ CAMATI

**GÊNERO E SEXUALIDADE NAS ESCOLAS PÚBLICAS NA GUINÉ-BISSAU E
ANGOLA (2016-2017)**

ACARAPE-CE

2022

BONIFÁCIO JOSÉ CAMATI

**GÊNERO E SEXUALIDADE NAS ESCOLAS PÚBLICAS NA GUINÉ-BISSAU E
ANGOLA (2016-2017)**

Trabalho de Conclusão curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.
Orientador: Prof. Dr. Lourenço Ocuni Cá.

ACARAPE-CE

2022

BONIFÁCIO JOSÉ CAMATI

**GÊNERO E SEXUALIDADE NAS ESCOLAS PÚBLICAS NA GUINÉ-BISSAU E
ANGOLA (2016-2017)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus Ceará.

Aprovado em: 14/07/2022, às 9h00, sala 05 Palmares I

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lourenço Ocuni Cá
(Orientador / ICEN UNILAB)

Prof. Dra. Ana Carolina de Oliveira Costa
(Examinadora / IH UNILAB)

Prof. Dr. Segone Ndangalila Cossa
(Examinador / IH UNILAB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pai todo poderoso Criador dos e a Terra e de todas coisas visíveis e invisíveis, e sem esquecer aos pais biológicos por terem me gerado e que tudo fazem para que não me falte amor, carinho e que mesmo estando distante se preocupam comigo e amável e que não vejo a hora de voltar a vê-los novamente, e os meus agradecimentos também extensivo ao meu amado orientador Dr. Lourenco Ocuni Cá que tudo tem feito para a realização desta apresentação pelo apoio, força e atenção, e por ter sido sensível a aceitar meu pedido como orientando... E claro sem esquecer os meus amigos pelo carinho, consideração que sentem por mim...ndapandula

Sumário

INTRODUÇÃO.....	6
PROBLEMATIZAÇÃO DO ESTUDO.....	7
OBJETIVOS.....	8
OBJETIVO GERAL.....	8
OBJETIVO ESPECÍFICOS.....	8
METODOLOGIA.....	9
JUSTIFICATIVA.....	11
REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
Sexualidade e Gênero nas escolas	12
CRONOGRAMA.....	19
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	20

1. INTRODUÇÃO

Angola e Guiné Bissau são países que ficam localizado no Continente Africano e banhados pelo Oceano Atlântico desde muito tempo partilharam a mesma história do jugo de dominação colonial português, onde o processo de libertação se deu da mesma forma, desde então, até os dias atuais partilham uma irmandade e reconhecimento entre ambos pois embora com limites territoriais e superficiais diferentes do mesmo modo não diferem muito. No presente trabalho faremos uma abordagem inerente ao gênero e sexualidades nas escolas públicas de Angola e Guiné-Bissau, com mais relevância no corpo feminino e como ele é visto nestas sociedades, dado que a sociedade impõe que o dever de uma mulher é ser mãe e cuidar da casa. Segundo Oyèwùmí, (2004,) a esposa nunca fica fora do domicílio, como um caracol, ela carrega a casa em torno de si mesma. Então tratar de gênero e sexualidade ainda é um tabu tanto na escola como família.

Segundo Chiziane (2013) a mulher só pode falar de amor e sexo em silêncio, é proibido falar em público. Os pais na maioria das vezes, não costumam falar com as suas filhas sobre a questão das orientações sexuais, isso porque elas não recebiam essa educação dos seus pais, portanto, a única coisa que uma menina tem que fazer é obedecer aos pais e aceitar a se casar e ter filhos e cuidar de casa e do marido.

Nós crescemos ouvindo que a cor rosa é para menina e a azul para o menino, porém, a menina deve ajudar a mãe a limpar a casa e cozinhar. Até hoje em algumas culturas, as meninas são proibidas de frequentar a escola. São entendidas como sexo frágil, na maioria das culturas africanas, basta a menina ver a primeira menstruação, quando o pai souber já se inicia os planos de dar a filha em casamento o que leva essa menina a abandonar a escola para se casar como destaca Chiziane (2013) na infância as meninas emitam as suas mães na brincadeira no caso de ser mãe e cozinheira, quando aparece a primeira menstruação a menina é obrigada a se casar com o homem mais velhos, muitas das vezes sem dentes. Não era permitido que as meninas estudassem ou sonhassem mais alto. A única coisa que se podia é de se casar e ter filhos, isso contribui muito na alta taxa de analfabetismo das meninas. Nas escolas não há uma disciplina específica que discuta sobre gênero e sexualidade, como já foi supramencionado. Ainda o tema é tratado como um tabu para essa sociedade.

A questão da desigualdade de gênero na gestão escolar é vista, claramente, desde muito tempo, pois, as mulheres são sempre colocadas em submissão, ou melhor,

nos lugares inferiores aos dos homens, isso pode ser visto nas escolas públicas desses dois países como, por exemplo, a ocupação do cargo da direção da escola, é difícil uma mulher ocupar essa posição e/ou melhor como uma diretora da escola mesmo tendo a mesma formação que um homem. Ela fica nos pés do homem, sendo assim, para uma mulher conseguir o respeito dentro de uma sociedade igual ao homem tem que trabalhar três vezes a mais (CHIZIANE, 2013). Nas instituições elas ocupam a menor função, o salário não seria o mesmo comparado com os dos homens (CARNEIRO, 2003).

Nesse sentido podemos perceber que a sociedade coloca nas mulheres a inferioridade que faz com que na maioria das vezes elas são, vistas, como sexo frágil, que não são capazes de fazer um trabalho que um homem pode fazer.

PROBLEMATIZAÇÃO DO ESTUDO

A educação escolar é um dos meios para o desenvolvimento humano e social em diversas maneiras do saber. Qual é a importância de se debater a questão de gênero e sexualidade nas escolas públicas de Angola e Guiné Bissau? Como é visto o comportamento da sexualidade dentro das escolas? É notável o sucesso escolar no âmbito público desses países? O sucesso acadêmico depende muito do empenho do estudante, mas parte disso não devemos descartar o papel das escolas. Será que o insucesso ou fracasso de muitos estudantes tem a ver com as políticas ou métodos utilizados pelos professores? Como é vista o conceito de gênero e sexualidade nas sociedades africanas sobretudo em Angola e Guiné Bissau?

2.OBJETIVOS

2.1 OBJETIVOS GERAL

Analisar a questão do gênero e sexualidade nas escolas públicas na Guiné-Bissau e Angola nos anos 2016 a 2017

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Discutir a questão de gênero e sexualidade nas escolas públicas de Angola e Guiné-Bissau;
- b) Identificar os fatores de gênero e sexualidade que contribuam para insucesso das meninas no ensino público desses países;

- c) Compreender como é visto a questão de sexualidades nas famílias africanas de Angola e Guiné-Bissau.

3.METODOLOGIA

O estudo será baseado em uma pesquisa bibliográfica que partirá da análise de documentos e como aportes teóricos se utilizará de trabalhos já publicados tais como: teses, artigo e livros, para desenvolver e suportar os objetivos propostos neste estudo referente ao assunto que pretendemos realizar.

A pesquisa bibliográfica é um passo fundamental em toda pesquisa científica que envolverá todas as etapas de um trabalho estudado, na medida em que der o alicerce teórico em que se baseará a pesquisa. Também consiste na classificação, seleção, fichamento e arquivamento de informação relacionadas à pesquisa.

Para Gil (2008), a pesquisa documental é bem semelhante a bibliográfica, a única diferença está na natureza das fontes, pois, esta ainda pode ser reelaborada de acordo com objeto de estudo. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com o apoio em materiais já organizados, principalmente de livros e trabalhos científicos.

Segundo Strauss e Corbin (1998), o procedimento metodológico de pesquisa é um conjunto de procedimentos e técnicas utilizados para coletar e analisar os dados. Esse procedimento fornece os meios para se alcançar os objetivos proposto, ou seja, as “ferramentas” das quais fazemos uso na pesquisa, a fim de responder a nossa questão; nesse sentido, a metodologia que será utilizada para a realização desta pesquisa, será qualitativa. Para Becker (2014) tanto a pesquisa qualitativa quanto a quantitativa os dois buscam escrever a verdade social têm as mesmas ciências do conhecimento e com destaque a questão diferentes.

Após este momento teórico, pretendemos fazer uma pesquisa de campo na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), onde serão entrevistados 8 discentes, considerando o seu gênero, quatro (4) entre eles dois (2) meninas e dois (2) rapazes de nacionalidade guineense e quatro (4) entre eles dois (2) meninas e dois (2) rapazes de nacionalidade angolana.

Para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa será aplicada a entrevista semiestruturada, que para Gil (2008), é desenvolvida a partir de uma lista fixa de perguntas e a ordem de redação permanece a mesma para todo o grande número usual de entrevistados. Como os dados podem ser processados quantitativamente, esse tipo de entrevista torna-se o mais adequado para o desenvolvimento de pesquisa social. De acordo com a pesquisa apresentada por Blaser et al (2010) a trajetória de uma pessoa

demonstra como sua história de vida está diretamente ligada aos fatos sociais, nos possibilitando refletir como esses fatores podem influenciar a vida. Nesse sentido, Gil (2008), a investigação de campo procura um aprofundamento de uma realidade específica. Trata-se basicamente da realidade por meio da observação direta das atividades de grupo de estudo e de entrevista com informante para capturar as explicações do ocorrido naquela realidade.

Pereira (2018, p.28) nos permite compreender esta questão das metodologias científica, com ela a gente percebe que a metodologia científica é todo um ecossistema que gira em volta da elaboração de um trabalho científico em busca de respostas para perguntas que se encontram em fase de estudos. O mesmo é considerado o caminho a ser percorrido para então, argumentos sustentáveis para as questões em estudos.

A metodologia segundo Martins (2004, p. 291) pode ser percebida como sendo a forma pela qual os pesquisadores se apegam para produzir a ciência; é uma ferramenta emprestada a pesquisa científica, em que todas as questões técnicas significam uma discussão teórica. O conhecimento científico é resultado de tudo que emerge como fruto do seu procedimento metodológico utilizado para poder, então, aprimorar toda uma ideia comum, com isso percebemos que a base do conhecimento científico é toda uma metodologia científica.

4. JUSTIFICATIVA

A importância de se debater a questão do gênero e sexualidade nas escolas públicas na Guiné-Bissau e Angola nos anos 2016 a 2017. Desde sempre há esse interesse de tratar da temática relacionada aos dois países do mesmo continente e por terem sido dominados nos mesmos períodos e que seguem o mesmo regime e não diferem muito em suas práticas culturais, e orientações quer seja de gênero e sexualidade.

Ademais existem outros aspectos que vão mais além, no que concerne às relações diplomáticas, culturais e uma irmandade de um povo que depois de muitos séculos de domínio colonial desde sempre tiveram o sonho de se tornar livres e construir suas próprias estradas e desenvolver suas realidades e ver um povo sorrindo.

As maneiras como homens e mulheres se comportam correspondem a aprendizados socioculturais que nos ensinam a agir de acordo com prescrições de cada gênero. Exemplo disso é que existem diferenças de comportamento entre mulheres de diferentes países, do mesmo modo, os homens de séculos passados não se expressavam do mesmo jeito que atualmente. As representações de gênero são distintas de uma cultura para outra, sendo um dos objetivos dos estudos de gênero e das ciências sociais analisar a diversidade de expressões em diferentes grupos e locais, identificando e desnaturalizando tais padrões. (GUERRA, 2019)

Gênero e sexualidade são temas a serem abordados por todas (os) os profissionais. As diretrizes de Base Nacional Comum Curricular afirmam ser necessário, “Refletir sobre as experiências corporais pessoais e coletivas desenvolvidas em aula ou vivenciadas em outros contextos, de modo a problematizar questões de gênero, corpo e sexualidade.” (BRASIL, 2016, p. 165). E que ainda há uma conjuntura social que visa desconstruir certas informações que tem vindo a ser apregoadas de formas distorcidas sobretudo na parte externa que concebem uma outra realidade daquilo que é entre dois países em questão de gênero e sexualidade que muitas das vezes, tem principais destaques nas academias na atualidade.

A escolha do tema surgiu nas minhas vivências e no ciclo de mulheres guineenses e angolanas pelas quais sempre debatemos assuntos do gênero, e essa constância fez com que eu escolhesse este tema. E também no intuito de mergulhar e compreender o impacto destas relações de gênero e sexualidade dentro das sociedades africanas em Angola e na Guiné Bissau. E no âmbito acadêmico servirá de apoio para pessoas que tiverem o interesse de conhecer a produção dessa temática.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 Sexualidade e Gênero nas Escolas

Desde o nosso nascimento nos foram ensinados a nos comportar como homens ou mulheres, essa identidade ganhamos mesmo antes de nos termos a percepção de mundo, ou seja, nascendo como sexo masculino somos criados e ensinados a comportarmos como homens (desde o andar, vestir, falar e apresentar-se à sociedade) e como sexo feminino a comportar-se como mulher (desde o andar, vestir, falar e apresentar-se em sociedade), “Assim, as filhas se auto-identificam como mulheres com sua mãe e irmãs” (OYEWÙMI, 2004, p.4) e os homens com seu pai e irmão “relembre da sua formação pessoal: desde criança você foi ensinado(a) a agir e a ter uma determinada aparência, de acordo com o seu sexo biológico”. Esse processo passa a ser entendido como um ato normal. Assim sendo, esses processos são as construções sociais e culturais (JESUS, 2012, p7).

Portanto, esses conceitos não aprendemos apenas nas nossas casas com as nossas famílias, mas também nas escolas que seriam um veículo de informação e que deviam tratar desse assunto com mais acuidade.

[...] A ideia de família tem uma constância na escola, pois ambas são vistas como lugares importantes no embasamento do processo de socialização. E essa socialização não é neutra; ela transmite, produz e reproduz modelos de comportamento, sensibilidade e racionalidade próprios da cultura. Corpos, masculinos e femininos são construções sociais e históricas, e as instituições sociais – família, escola [...], nesse sentido, o conceito de gênero pode permitir que percebamos o caráter sociológico e interessado da construção dos conteúdos veiculados pela educação escolar. Para tal, procuramos sair de explicações fundamentadas exclusivamente sobre as diferenças físicas e biológicas, afirmando a natureza social, histórica e política que a socialização de gênero inevitavelmente apresenta” (VIANNA e RAMIRES, 2008).

Na sociedade angolana e guineense quando se trata de orientação sexual e identidade de gênero, a quem ainda não saiba distinguir essa diferença entre ambas ou ainda, a uma certa estranheza, ou um mero desconhecimento em relação a diversidade de gênero, tendo assim um certo conhecimento construído da ideia de que o sexo é que vai determinar a orientação sexual e a identidade da pessoa, considerando aqueles que assim fogem desse padrão como os anormais, ou seja, a sociedade considera isso como um ato patológico na sociedade.

Segundo Oyewùmi (2004, p.5) “não é de se estranhar que as questões de sexualidade automaticamente vêm à tona em qualquer discussão de gênero”. Portanto, há necessidade de se falar, mas sobre gênero, principalmente, nas escolas, sendo um

importante veículo de transmissão de conhecimento de informação, pois, pouco se fala sobre o mesmo, visto que em algumas escolas ainda se prega a ideia que a ciência biológica trouxe inicialmente. Pois, muitos estudiosos da antiguidade relacionavam a questão da diversidade de gênero como sendo uma doença.

Assim, para debater a questão de gênero e sexualidade nas escolas públicas nos países como Angola e Guiné-Bissau, devemos compreender o gênero como categoria que nos vai ajudar a entender como a sociedade construiu o masculino e o feminino “sociedade em que vivemos que vai considerar assim pessoas que nascem com órgãos genitais masculinos, homens e com órgãos genitais femininos, mulheres” (JESUS, 2012). As justificativas para as desigualdades não devem ser buscadas na biologia, mas sim, na história, nas condições de acesso aos recursos e na cultura, enfim, nas formas de representação dos povos. Nesse sentido, “a educação tradicional [...], também ensinava a obediência e a submissão”, (CHIZIANE, 2013, p.202). Sendo assim, isto é, uma questão muito patente, sobretudo, em países como Angola e Guiné-Bissau a igualdade de direitos poderão ser princípios suleadores.

Para isso é necessário que a instituição escolar contribua para uma educação cidadã e libertadora que contemple a dimensão sexual, a diversidade, os direitos humanos e a multiculturalidade. Segundo Oyewùmi, (2004, p.3), “o gênero não deve ser tomado por seu valor nominal”. Porém, as legislações devem prever a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, e promover o bem de todas as pessoas, sem preconceitos ou qualquer outra forma de discriminação racial, étnica ou religiosa. Portanto, percebe-se que para isso se efetivar na prática, é necessário que haja reflexão sobre gênero e sexualidade. Só assim essas categorias podem deixar de ser usadas para classificar, discriminar e excluir. Desta forma haverá novas maneiras de abordagem que desconstruam preconceitos e discriminações.

No cotidiano das escolas é fácil perceber a naturalização que existe com os preconceitos de gênero e orientação sexual. “O principal elemento presente nesse “conteúdo” específico de orientação sexual são as características ou “estereótipos” do feminino e do masculino, isto é, a “sensibilidade e a meiguice” de meninas e a “objetividade e a agressividade” dos meninos” (CÉSAR, 2009, p.46). É tão comum que se percebe, mesmo entre os/as educadores/as atitudes diárias que reforçam esses preconceitos, seja por meio de piadas, comentários ou mesmo naturalização dos espaços de meninos e meninas, homens e mulheres, heteros, bi, trans. e homossexuais. “O caráter “delicado” do tema advém da norma social produzida no interior do dispositivo da

sexualidade, isto é, a norma da heterossexualidade ou, como a denominou Judith Butler, a heteronormatividade” (CÉSAR, 2009, p46). É preciso que a equipe diretiva e pedagógica de cada escola se dedique mais a esses assuntos, não se cale, para que atitudes de desnaturalização dos preconceitos se tornem hábito e não somente assunto para palestra com profissionais externos à escola. A escola deve respeitar a diversidade humana. Isso inclui o gênero e a diversidade sexual.

Sabe-se que a educação não é um ato neutro, que há relação estreita entre o que cada um pensa e a sua prática pedagógica. Esta é amparada por uma teoria, mesmo que inconscientemente. A educação é sempre uma ação política, portanto, o gênero e a educação sexual devem fazer parte do currículo escolar desde a infância até nas universidades. Portanto, o currículo deve ser planejado, assumido pelas/os professoras/es de forma a discutir os conhecimentos sobre esse assunto, sem preconceitos e discriminações. Essa postura deve basear-se na construção de um modelo educacional reflexiva e crítica sobre a realidade e as questões de gênero (GAGLIOTTO, 2009. p.18).

Em Angola e na Guiné-Bissau a questão de gênero e sexualidade ainda é um tabu para sociedade; é muito definido pelas famílias e com isto a pessoa segue a sinalização familiares e como preconceito que esse mesmo indivíduo vai passar é obrigado a seguir o padrão social. Nas escolas a regra segue do mesmo jeito, pois as realidades dos países colonizados pelos portugueses seguem quase o mesmo ritmo, predominantes como sociedades conservadoras, “machista”, tendo sempre o homem como modelo.

Portanto, tratar pedagogicamente de gênero e sexualidade nas escolas públicas de Angola e da Guiné-Bissau significa inserir os assuntos referentes a este tema da diversidade no currículo, por meio dos conteúdos contemplados nas diretrizes curriculares. As “pesquisas realizadas com professoras/es e alunas/os vêm demonstrando a necessidade de uma formação específica tendo em vista a diversidade sexual presente no universo escolar.” (CÉSAR, 2009, p.48). Em geral, existe nos Projetos Pedagógicos das escolas a menção da existência das equipes multidisciplinares e dos trabalhos de enfrentamento à violência, questões de gênero e orientação sexual. Porém, na maioria das vezes, percebe-se que muito disso fica no papel, pois, o pátio do colégio continua sendo espaço preferencial dos meninos. Normalmente os/as homossexuais e transexuais são motivos de piadas, violência e exclusão diariamente. A partir do momento em que as/os gestoras/es das escolas tomarem a linha de frente, no sentido de abordar de fato, questionar e mesmo duvidar dessas naturalizações, fica mais fácil de atingir

educadoras/es e toda a comunidade escolar no sentido de mudar esta realidade. Por isso, a educação deve consubstanciar na transgressão das normas que foram estabelecidas, uma educação que visa a libertação dos grupos que foram subalternizados e subjugados.

Quanto mais dedicamos o nosso tempo a uma reflexão profunda sobre esses fatores de insucesso das meninas nas escolas públicas, perceberemos o quão é importante valorizar as meninas “mulheres” nas nossas sociedades. Neste estudo, Gênero e sexualidade estão sendo definido como a construção social e histórica de sujeitos femininos e masculinos que se processa de maneira diferenciada na sociedade, de acordo com diferentes modelos, ideais, imagens que têm as diferentes classes, raças, religiões etc. sobre mulher e homem. Assim, Giugliani (2012) percebe-se que o conceito de gênero – que suleará a nossa discussão – permite pensar em relações que não são fixas, ao contrário, está o tempo todo em tensão, de forma que homem e mulher têm posições de relativa mobilidade no campo social.

Desta feita, apesar desta linha de pensamento, as meninas serão obrigadas a acreditar que a educação não tem para elas caráter de promoção para ascender socialmente, uma vez que seu futuro será o mesmo, o de dona de casa, enquanto que os meninos, ao contrário, são mais rebeldes, independentes, criativos. “Tudo consta que as meninas apresentam melhor desempenho escolar até os doze”, através destas falas muitas das vezes levam a meninas ao insucesso de não continuar a frequentar a escola (LINS, 2016)

Mas, o que se verifica no caso do insucesso das meninas nas escolas, mais uma vez, configura-se naquilo que Giugliani (2012, p. 3) disse:

além disso, associa a maior incidência de insucesso escolar nas meninas à repercussão, na subjetividade de homens e mulheres, da superdiversão que tradicionalmente tem se dado ao lugar da mãe (e da professora) em detrimento do papel do pai no processo de educação dos filhos. E é desse modo que o menino e a menina vão se construindo como sujeitos, como homem ou mulher.

O insucesso destas mulheres parte, primeiramente, no seio familiar porque a maioria das famílias africanas são conservadoras e os ensinamentos dado é que servem de padrão para a conduta dessa mesma mulher. Insucesso perante a sociedade, a perda de oportunidade em certos setores que a sociedade oferece, o gênero e a sexualidade em nossas sociedades é que definem a pessoa, e por vezes, esta mesma pessoa não tem a liberdade de escolha ou de opinião e viver segundo a sua escolha. As verdades sobre sexualidade e sobre os gêneros se multiplicam e se diversificam.

Entretanto, apesar de haver muitas pessoas engajadas nesse movimento de entender que “as formas de viver a sexualidade são produzidas, ensinadas e fabricadas ao longo da vida, através de muitas pedagogias escolares, familiares, culturais; por meio de muitas instâncias e práticas (FERREIRA, 2022, p.07). Nessa base, as instituições socializantes são reprodutores das ideias conservadoras e que contribuem na manutenção de certas práticas, pois, as estruturas têm um pendor conservador (PARANÁ, 2009, p. 35). Devido à complexidade do assunto em análise, percebemos que ainda há muito a caminhar no sentido de preparar os/as educadores/as para refletirem sobre a construção social dos gêneros e a orientação sexual de cada um/a como parte de sua natureza e da construção social, histórica e política. Cabe, então, ressaltar sobre o papel da educação e do currículo escolar frente à sexualidade humana, a compreensão de infância e adolescência, a concepção de vida em sociedade e o entendimento de direitos humanos e de respeito às diferenças, especialmente neste estudo de gênero e sexualidade.

A sexualidade humana é uma construção social, histórica e cultural que necessita ser refletida, tendo em vista a imensidade de referenciais que fortalecem a naturalização dos preconceitos de gênero, diversidade sexual, classe e etnia. Assim sendo, é importante salientar que o currículo e/ou a escola em si não é uma instância neutra. Ela é um campo de jogo e de manutenção das identidades atreladas às relações de poder. Os pressupostos analíticos dominantes ainda querem manter essa base, não aceitando facilmente as mudanças nas estruturas.

Bem é impossível tratar de gênero e sexualidade nas escolas, sem antes debatermos o mesmo tema, no seio da família, pois, é na família que recebemos as primeiras formas de socialização e depois para a outras instituições, sobre a percepção de gênero e/ou sexualidade, desde o momento que nos é ensinado a nos comportarmos, segundo o sexo com quem nascemos, e do mesmo modo, a reproduzir padrões adquirido nesse seio familiar.

A questão de gênero e sexualidade parte do núcleo familiar, onde o indivíduo é incutido ou ensinado as boas práticas, modelos, condutas de como este mesmo deve se comportar e se posicionar na sociedade. Pois em países como Angola e Guiné-Bissau a educação parte de casa como parceiro fundamental para a construção de uma sociedade coesa e salutar, e quando isso não acontece a culpa recai para os progenitores como sendo os principais culpados por não darem uma boa educação aos seus filhos.

Devemos levar em consideração que o meio onde o indivíduo é inserido influencia sobremaneira nas condutas e tomadas de decisão e ainda pode despertar

ideologias e conceitos aprendido fora do padrão familiar. Pois nas sociedades angolana e guineense o assunto sobre o gênero e/ou sexualidade, ainda é tabu, os pais raramente conversam com os filhos para debater este assunto de extrema importância para a descoberta do próprio “eu”, devido as sociedades conservadoras patente em alguns núcleos sociais e quando isso acontece a tendência é aprender fora e desta forma acabam aprendendo uma orientação sexual de uma forma inversa daquilo aprendido no seio familiar. Em algumas circunstâncias quando se trata de gênero e sexualidade pensa-se logo que são as discussões de mulheres e não dos homens.

Para Prado (2017), existem vários tipos de família, sendo a mais conhecida e valorizada nos nossos dias ainda a família nuclear, ou a dita normal, composta por mãe, pai e filhos. Portanto, a realidade pode mudar em outras sociedades, onde poderemos considerar famílias restritas e alargadas, isso varia de cada região e de acordo com tipo de famílias e a educação passada de geração para geração.

Segundo Oyewùmi, (2004, p3-4) “a família nuclear é uma família generificada por excelência. Como uma casa unifamiliar é centrada em uma mulher subordinada, um marido patriarcal e as filhas e filhos”. Pois, nessa família existe uma distinção de gênero e/ou uma hierarquia, onde cada gênero, se apresenta a desempenhar um determinado serviço, ou seja, nessa família existe uma divisão do trabalho com base no gênero de cada um onde, “o homem chefe é concebido como ganhador do pão e o feminino está associado ao doméstico e ao cuidado” (OYEWÙMI, 2004, p4).

Desta feita, a forma como a sociedade vê a família diz tudo sobre como vamos encarar as questões de gênero e sexualidade. Apesar de existirem vários tipos de famílias, tanto em Angola como na Guiné-Bissau, o ser masculino e/ou feminino ainda é encarado da mesma forma, pois, ainda há a percepção de que os órgãos genitais é que determinam se uma pessoa é homem ou mulher. Isto posto, “biologicamente, isso não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas: o que faz isso é a cultura, a qual define alguém como masculino ou feminino, e isso muda de acordo com a cultura de que falamos” (DE JESUS, 2012, p. 8).

A sexualidade é algo complexo o suficiente para não poder ser separada dos aspectos socioeconômico-culturais nem associada a determinadas fases da vida. Ela nos acompanha a vida toda, desde a amamentação, brincadeiras até a velhice. Não existe padrão entre faixa etária e forma de vivência da sexualidade. O processo de construção dos sujeitos é muito sutil. É nas práticas cotidianas, nos pequenos gestos e palavras banalizados no dia a dia da escola, onde se encontra o alvo de atenção, pesquisa e ação,

por parte dos/das educadores/as que intencionam mudar esta realidade. “Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui” (LOURO,1997, p. 64).

Portanto, o núcleo familiar e a escola devem continuar a ser parceiros fieis para um ajudar o outro naquilo que são as escolhas e conduta do indivíduo porque o conhecimento e o aprendizado são reversíveis, coisas aprendemos no seio familiar e outras nas academias, sobretudo, nas escolas, e sendo uma instituição de ensino não deve oprimir a liberdade de escolha de cada ser, simplesmente, deve apoiar naquilo que for necessário para a construção da identidade do indivíduo, para que esta pessoa não se sinta excluída perante a sociedade. O que muitas das vezes tem acontecido no núcleo familiar a pessoa é negada pela sua escolha e é julgada pela sociedade ato totalmente reprovado atitude do gênero leva a pessoa em depressão ou em caos.

6. CRONOGRAMA

Plano de atividades	Fevereiro-2021	Abril-2021	Agosto-2021		Julho		Junho-2022	Julho-2022
Levantamento bibliográfico	X				X			
Redação		X						
Defesa e entrega do trabalho							X	
Análises dos corpos			X					X
Divulgação								XX

7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAIROS, Luiza. **NOSSOS FEMINISMOS REVISITADOS**. Revista Estudos Feministas, v. 3, n. 2, p. 458, 1995

BECKER, Howard S. **A EPISTEMOLOGIA DA PESQUISA QUALITATIVA**. Revista de Estudos Empíricos em Direito, v. 1, n. 2, 2014.

BLASER, Thomas et al. “Raça”, **RESSENTIMENTO E RACISMO: TRANSFORMAÇÕES NA ÁFRICA DO SUL**. Cadernos Pagu, v. 35, p. 111-137, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A DOMINAÇÃO MASCULINA**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

- BOURDIEU, Pierre. **A ILUSÃO BIBLIOGRÁFICA**. Razões práticas, 2018.
- CARNEIRO, Sueli. **MULHERES EM MOVIMENTO. ESTUDOS AVANÇADOS**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.
- CHIZIANE, Paulina. **[TESTEMUNHO] EU, MULHER... POR UMA NOVA VISÃO DO MUNDO**. Abril-NEPA/UFF, v. 5, n. 10, p. 199-205, 2013.
- DE JESUS, Jaqueline Gomes. **ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS E TERMOS**. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião, 2012.
- FERREIRA, João Vinicius Monteiro. **Gênero e sexualidade na escola: Vivências a partir do estágio**¹. *Educação Contemporânea-Volume 36*, 7.
- GIL, A. C. **COMO ELABORAR PROJETOS DE PESQUISA**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. *Journal of personality and social psychology*, 56, p.88, 1989.
- GIUGLIANI, B. (2012). **PORQUE OS MENINOS ABANDONAM A ESCOLA NOS ANOS INICIAIS: ARTICULAÇÕES DE GÊNERO E RAÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM CACHOEIRA (BAHIA-BRASIL)**. Florianópolis, p. 3.
- GUERRA, Luiz Antonio. **"SEXO, GÊNERO E SEXUALIDADE."** Info Escola. Disponível em < <https://www.infoescola.com/sociologia/sexo-genero-e-sexualidade/>>. Acesso em 21.10 (2019).
- LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. *Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2016.
- MARTINS, Heloisa Helena T. de Sousa, **METODOLOGIA QUALITATIVA DE PESQUISA**, São Paulo, 2004, p. 291.
- OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. **CONCEITUANDO O GÊNERO: OS FUNDAMENTOS EUROCÊNTRICOS DOS CONCEITOS FEMINISTAS E O DESAFIO DAS EPISTEMOLOGIAS AFRICANAS**. CODESRIA Gender Series, v. 1, p. 1-10, 2004.
- STRAUSS E CORBIN, **TIPOS DE METODOLOGIA**. Maxwell PUC-RIO (1998). Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9443/9443_4.PDF. Acesso em: 08/03/2021.